

NAGUIB MAHFOUZ

O AÇUCABEIRO

(TRILOGIA DO CAIRO, VOL. III)

TRADUZIDO DO ÁRABE (EGIPTO) POR
BADR HASSANEIN

1

As mulheres estavam em redor do fogareiro, as cabeças próximas umas das outras e as mãos estendidas para as brasas incandescentes: as de Amina, descarnadas e com as veias salientes; as de Aisha, secas, quase empedernidas; as de Umm Hanafi, rijas qual pele de tartaruga, e finalmente as de Naima, formosas, de uma alvura imaculada.

Parecia que o frio daquele mês de Janeiro enregelava os recantos da sala que se mantivera inalterável com o volver dos tempos, com as suas esteiras multicolores e os sofás dispostos ao longo das paredes.

O antigo candeeiro a gás desaparecera, tendo sido substituído por uma lâmpada eléctrica que do tecto pendia.

O local conhecera modificações, a «hora do café» agora decorria outra vez no primeiro andar, ou melhor, todas as actividades do segundo andar tinham sido transferidas para o primeiro por consideração pelo pai, que não podia subir as escadas, por causa dos seus problemas cardíacos; na verdade, mesmo os membros da família tinham igualmente sofrido idêntica transformação: o corpo de Amina parecia um ramo seco e a sua cabeça estava coberta por uma cabeleira branca; conquanto não tivesse atingido os sessenta anos, aparentava ter uns dez a mais. Mas a modificação de Amina era pouco significativa quando comparada com o estado de decadência e de fraqueza de Aisha. Os seus cabelos, que preservavam o seu colorido dourado, e os olhos azuis podiam tão-só provocar escárnio ou compaixão; com efeito, aquele olhar extinto não transmitia a menor sugestão de vida nem se apreendia donde procedia a extrema lividez da sua pele...

Aquele semblante de ossatura saliente, de olhos encovados e faces cavas poderia alguma vez pertencer a uma mulher de trinta e quatro anos?

Quanto a Umm Hanafi, parecia que os anos nela se haviam acamado, deixando incólume a essência, poupando também a carne e a adiposidade, mas não a pele, muitíssimo marcada no pescoço e nos lábios, como que por sedimentos de poeira, de escamas... e os seus olhos descontentes pareciam associar-se ao pesar silencioso dos membros da família.

Só Naima, no meio daquele grupo, parecia uma rosa plantada no recinto de uma tumba. Tornara-se numa formosa jovem de dezasseis anos, com cabelos dourados e resplandecentes que emolduravam uma face ornada com olhos azuis; assemelhava-se a Aisha quando jovem, ou talvez ainda fosse mais deslumbrante. Mas era magra e esguia, qual sombra, tinha um olhar quieto e devaneador e, em simultâneo, cândido, quase o de uma criatura estranha a este mundo.

A jovem era inseparável da mãe, como se não quisesse distanciar-se desta por um só momento.

Umm Hanafi, que esfregava as mãos por cima do braseiro, disse:

— Esta semana, os operários deixam o prédio, após aí terem trabalhado durante um ano e meio...

Naima acrescentou com um certo tom de sarcasmo:

— O prédio de *Amm*⁽¹⁾ Bayyumi, o vendedor de xaropes...

Os olhos de Aisha soergueram-se por um instante do fogareiro, voltando-se para Umm Hanafi sem pronunciar qualquer palavra.

Certo dia, a família ficara a saber que a casa que antigamente pertencera ao *sayyed*⁽²⁾ Muhammad Ridwan seria demolida e que, no seu lugar, seria edificado um prédio com quatro andares que todos já apelidavam de prédio de *Amm* Bayyumi, o vendedor de xaropes...

Todas aquelas antigas memórias... Mariam e Yassin... mas quem sabe onde estaria Mariam actualmente... e a sua mãe e Bayyumi, o vendedor de xaropes, que se apossara da casa mediante herança e por tê-la adquirido... aqueles eram os dias em que a existência deveras era existência e o coração se mantinha sereno...

(¹) Literalmente, «tio paterno», designação que é comumente usada, no Egipto, para se referir a uma pessoa de certa idade, mesmo quando não haja laços de parentesco. [Nota do Tradutor, bem como todas as que se seguem.]

(²) «Senhor», «patrão», título que, em geral, antecede o nome próprio.

Umm Hanafi tornou a dizer:

— A coisa mais bela naquele prédio, minha senhora, é a nova loja de *Amm* Bayyumi: os candeeiros, os *dondorma*⁽³⁾, os doces... espelhos por toda a parte, lâmpadas eléctricas, a telefonia ligada dia e noite. Ah! Como deploro Hassanein, o barbeiro, Darwish, o vendedor de favas, el-Fuli, o leiteiro, e Abu Sari, o vendedor de sementes torradas, que das suas lojas anacrónicas devem contemplar o estabelecimento e o prédio do camarada do passado...

Amina, ajustando o xaile sobre os ombros, clamou:

— Glória a Alá, o Magnânimo, nas suas oferendas...

Naima, cingindo com os braços o pescoço da mãe, disse:

— As paredes do prédio quase que atravancam deste lado o nosso terraço; quando ali houver inquilinos, como faremos para passar algum tempo no terraço?

Amina, que não podia, principalmente em consideração por Aisha, fingir não ter ouvido a pergunta da linda neta, volveu:

— Não te aflijas com os inquilinos, pensa em te distraíres a teu bel-prazer!

Assim falando, lançou um olhar extremoso a Aisha para ver o efeito que sobre a filha tinha tido a sua resposta delicada; de tanto reçar por ela, quase acabara por a reçar. Mas Aisha, naquele instante, estava totalmente alheada a fitar um espelho colocado sobre uma mesa entre o quarto do *sayyed* e o seu, não tendo perdido o hábito de se mirar, conquanto presentemente para ela nada daquilo tivesse o menor sentido. Com o transcorrer do tempo, não mais se atemorizava ao ver reflectido o seu rosto descarnado, lívido e macilento, e a cada vez perguntava-lhe uma voz interior: «Onde está a Aisha de antigamente?», ao que, sem se mortificar, respondia: «E onde estão Muhammad, Otman e Khalil?»

Amina, ao constatar tudo isso, sentia o coração apertar-se-lhe e o seu desalento transmitia-se instintivamente a Umm Hanafi, que de tal forma se entranhara na família que herdara também os seus padecimentos.

Naima levantou-se, dirigiu-se para a telefonia colocada entre a sala de estar e a sala de jantar e ligou-a, dizendo:

— Mãe, esta é a hora em que passam música gravada em discos...

(³) Gelado típico de origem turca.

Aisha acendeu um cigarro inspirando uma longa baforada, enquanto Amina se pôs a contemplar o fumo que, ao alargar-se, formava uma subtil nuvem por cima do fogareiro.

Da telefonia ouvia-se uma voz que entoava:

— «*Ó companhia de amigos dos belos tempos idos, quem dera que pudesses retornar!*»

Naima regressou ao seu lugar envolvendo-se no roupão. Agradava-lhe muito o canto, tal como, no passado, este havia encantado a mãe; sabia, intuitivamente, como ouvir um motivo, memorizá-lo e repeti-lo com a sua modulação exacta. Esta sua paixão não entrava em contradição com o sentimento religioso, que nela preponderava sobre todos os demais.

A rapariga orava com regularidade, jejuava durante o mês do Ramadão desde os dez anos de idade, devaneava muito sobre o mundo invisível, recebia sempre com enorme gáudio o convite para ir à mesquita de el-Hussein⁽⁴⁾, quando a avó lho fazia; no entanto, não suspendia o seu amor pelo canto e tão logo se achava a sós, cantava no quarto ou na casa de banho.

Aisha apoiava tudo o que a sua filha única fazia, a esperança única que lhe alumia o horizonte sombrio: nela apreciava tanto a religiosidade como a voz. Alentava o vínculo que a rapariga mantinha com ela – vínculo que podia parecer descomedido – e neste sentia prazer e não admitia ouvir reparo algum a este respeito; ou melhor, em geral, aborrecia-a qualquer censura, ainda que insignificante, e feita com a melhor das intenções.

De resto, ela não tinha outra tarefa em casa excepto a de permanecer sentada, a beber café e a fumar.

Se Amina a chamava para que a auxiliasse em alguma lida – não porque dela tivesse precisão mas para lhe oferecer um pretexto que a desviasse das suas cogitações –, a mulher melindrava-se e replicava com uma frase já rotineira: «Deixe-me em paz...»

Ao mesmo tempo não autorizava Naima a fazer fosse o que fosse, como se o mínimo movimento da filha a estremecesse. Caso lhe tivesse sido possível rezar em seu lugar, tê-lo-ia feito para até acautelar o esforço da prece.

(⁴) Filho de Ali e de Fátima e neto do Profeta. Morreu de forma trágica em Kerbala em 680. É sobretudo venerado pelos xiitas.

Quantas vezes Amina com ela tinha conversado a este respeito, recordando-lhe que a rapariga já estava em idade de casar e que devia adquirir um conhecimento pleno das incumbências de uma dona de casa!... Mas Aisha sempre lhe redarguira num tom amofinado:

— Não vê que é qual uma sombra? A minha filha não deverá sujeitar-se a qualquer esforço, deixe-a em paz, no mundo não me sobeja outra esperança além dela!

Amina não sabia o que acrescentar: o seu coração despedaçava-se de tristeza... Observando-a, lobrigava na filha a imagem personificada das esperanças frustradas; observando o seu semblante infeliz que tinha perdido todos os sinais de entusiasmo, limitava-se a um suspiro, evitando abespinhá-la e aceitando com complacência e ternura benevolente as respostas acerbas e os reparos ríspidos...

A voz continuava a cantar: «*Ó companhia de amigos dos belos tempos idos*» e, fumando, Aisha escutava.

Nem a tristeza nem a desesperança nela haviam apagado a sensibilidade pelo canto que havia amado e que continuava a amar; ou antes, aquela sensibilidade exacerbava-se na sua alma devido aos sentimentos de plangência e desgosto que não raro o canto expressa. E, apesar de estar ciente de que nada no mundo pode fazer voltar a companhia dos amigos dos belos dias idos, interrogava-se, por vezes, se aquele passado havia efectivamente sido ou se não fora mais do que um devaneio, uma fantasia...

De outro modo, onde estava o seu ditoso lar? Onde estava o seu nobre esposo? Onde estavam Otman e Khalil? E como era imaginável que só oito anos a pudessem separar daquele passado?

Amina só excepcionalmente tinha prazer em ouvir tais canções. O maior mérito da telefonia, na sua opinião, era o de lhe possibilitar ouvir declamar o Nobre Alcorão e escutar as informações diárias; quanto às canções, entristecia-se ao perceber a melancolia dos conteúdos e inquietava-se ao meditar no que a filha sofria ao ouvi-las, a ponto de certa ocasião ter declarado a Umm Hanafi:

— Não são estes porventura os gemidos por um finado?

Amina estava de tal modo preocupada com Aisha que esquecia os distúrbios ligados à pressão arterial de que começara a padecer. Doravante, só sentia contentamento na visita a el-Hussein e aos demais santos de Alá, agradecendo do fundo do coração ao *sayyed*, que já não

a mantinha enclausurada e a deixava livre para ir visitar, conforme a sua aspiração, as casas de Alá.

Também ela deixara de ser a Amina de outrora. A tristeza e o desalento tinham-na transfigurado visceralmente. Com o passar dos anos, havia perdido a sua excepcional dedicação e a sua assombrosa aptidão em organizar, prover às limpezas e superintender. Agora só cuidava de questões que se prendiam com o *sayyed* e Kamal; confiara a Umm Hanafi a tarefa de tratar da sala do forno e da dispensa, contentando-se unicamente com a fiscalização, mas desempenhava também esta atribuindo-lhe escassa importância. Tinha uma confiança enorme em Umm Hanafi, que, por certo, não era uma estranha à casa e à família e que para todos havia sido uma companheira de toda a existência, com eles partilhando a sorte e a desgraça. Com efeito, entranhara-se de tal modo na família que se tornara num seu membro, associando-se-lhe com todo o seu coração nas alegrias e nos pesares...

Por um instante, o silêncio imperou entre as mulheres, como se o canto se houvesse assenhoreado dos sentimentos, até Naima falar:

— Hoje na rua encontrei Salma, a minha colega da escola primária; no próximo ano, fará o exame para o diploma do liceu...

— Se o avô te tivesse autorizado a prosseguir os estudos, tê-la-ias superado, mas assim o não quis ele! — exclamou Aisha.

Amina apreendeu a manifestação de desacordo contida na frase «mas assim o não quis ele» e retorquiu:

— O avô tem ideias das quais não desiste; mas tu terias deveras visto com agrado que ela prosseguisse os estudos, não obstante os esforços que estes implicam, tratando-se de uma rapariga franzina e querida que não suporta a fadiga?

Aisha meneou a cabeça sem proferir uma palavra, enquanto Naima recomeçou, com uma certa mágoa:

— Teria desejado concluir os estudos; hoje todas as raparigas estudam como os rapazes...

Umm Hanafi atalhou com um tom de desprezo:

— Estudam porque não encontram esposo, mas uma jovem bonita como tu...

Amina abanou a cabeça, aquiescendo, e disse:

— Além do mais, és instruída, ó rainha de todas as raparigas, tens o diploma dos estudos primários, que mais queres? Nem sequer precisas

de te empregar... Oremos a Alá para que te dê alento e circunde a tua cativante formosura com um pouco de saúde, de carne e de gordura.

— Desejo para ela saúde e não gordura. A gordura é uma imperfeição, mormente nas raparigas. A sua mãe era no seu tempo um prodígio e não era anafada — volveu Aisha num tom áspero.

Amina sorriu e acrescentou com amenidade:

— Naima, a tua mãe era, de facto, no seu tempo um prodígio...

— Depois, porém, tornou-se numa testemunha viva do escoar do tempo! — exclamou Aisha num gemido.

Umm Hanafi resmoneou:

— Que Alá vos torne felizes, tu e Naima!

— Ámen, ó Deus do Universo!... — respondeu Amina, que afagava docemente os ombros da neta.

As mulheres tornaram ao seu silêncio, escutando uma voz diversa que cantava «*Gostaria de te ver todos os dias*».

De repente, ouviu-se a porta da casa a abrir-se e depois a fechar-se. Umm Hanafi exclamou:

— O meu senhor grande! — Levantou-se, pressurosa, e saiu para ir acender a lâmpada das escadas.

Não passou muito tempo até Amina, a filha e a neta ouvirem as usuais pancadas da bengala contra o pavimento; depois o *sayyed* surgiu no limiar da sala e, como sempre, as mulheres levantaram-se todas com a devida cortesia.

Este deteve-se um pouco para observá-las, arquejante, depois saudou-as dizendo:

— Boa noite.

— Noite feliz — responderam todas elas.

Amina precedeu-o no seu quarto para acender a luz, o homem seguiu-a com toda a gravidade da sua velhice encanecida e sentou-se para recobrar fôlego. Ainda só eram nove da noite...

A distinção do *sayyed* permanecera análoga à de outrora: a *gubba*⁽⁵⁾ de tecido fino, o *quftan*⁽⁶⁾ de cetim reluzente e a *kufiyya*⁽⁷⁾ de seda

⁽⁵⁾ Longa túnica usada pelos homens, aberta à frente, e com mangas largas.

⁽⁶⁾ Casaco comprido com mangas, de origem turca, aberto à frente e estreitado por um cinto.

⁽⁷⁾ Grande lenço de seda quadrado que os homens costumam usar na cabeça.

eram os de sempre, mas a cabeça embranquecida, os bigodes prateados, o corpo emaciado, como que vazado, e ainda o facto de tornar a casa cedo, pertenciam todos à actualidade, bem como a terrina de leite coalhado e a laranja preparada para a sua ceia; sem álcool, sem *mezza*⁽⁸⁾, sem carne, sem ovos; contudo, o fulgor dos seus grandes olhos azuis indicava que o seu desejo de viver não se quebrantara nem se estancara.

Ele principiou a despir-se como de costume, com o auxílio de Amina; envergou a *gallabiyya*⁽⁹⁾ de lã, envolveu-se na *aba'a*⁽¹⁰⁾, pôs na cabeça o barrete e sentou-se no sofá com as pernas cruzadas.

A mulher trouxe-lhe a ceia, que ele comeu sem entusiasmo, após o que lhe entregou um copo de água cheio até meio, pegou no frasco do medicamento e verteu seis gotas que o homem absorveu com um esgar de desagrado, sussurrando:

— Louvor a Alá, Deus da Criação!

Em mais de uma circunstância, o médico tinha-lhe dito que a terapêutica seria seguida apenas durante um determinado prazo, mas que teria de seguir a dieta, e prevenira-o contra todos os possíveis descuidos ou infracções, porque as suas maleitas ligadas à tensão se haviam exacerbado e o coração estava cada vez mais debilitado. A experiência levava-o a adoptar os conselhos do médico, depois de muito sofrer por tê-los tido em pouca consideração.

Quantas vezes tivera de se arrepender por não se ter atido às suas indicações! Por fim, subordinara-se às ordens: comia e bebia apenas o que lhe era admitido; não regressava depois das nove da noite; no entanto, o seu coração não perdera a esperança de um dia alcançar de novo a saúde, graças à Providência, e de desfrutar de uma vida boa, serena... embora a existência pretérita houvesse terminado para todo o sempre!

Apurou o ouvido, escutando com deleite a canção que provinha da telefonia, enquanto Amina, sentada no seu colchão, lhe falava do frio

⁽⁸⁾ Refere-se a um conjunto de diferentes aperitivos salgados: azeitonas, pepinos e limões macerados em vinagre, pedacinhos de queijo, amendoins, etc., servidos em pequenos pratos e que acompanham as bebidas alcoólicas.

⁽⁹⁾ Túnica comprida de algodão aberta sobre o peito.

⁽¹⁰⁾ Casaco de beduíno de lã grossa, de uma só cor ou listrado, sem gola e com mangas largas.

do dia, da chuva que se abatera a cântaros antes do meio-dia... mas ele não prestava atenção e, por fim, disse muito satisfeito:

— Foi-me dito que, esta noite, iriam transmitir algumas canções antigas...

A mulher sorriu, acenando favoravelmente, seja porque lhe agradasse aquele estilo de canções, seja sobretudo para que se achasse em concordância com o *sayyed*, para quem eram as preferidas.

Nos olhos do homem continuou a rutilar por instantes a alegria, que foi rapidamente empanada por um certo quebranto. Já não conseguia fruir durante muito tempo de uma sensação deliciosa sem que esta se voltasse de súbito contra si, fazendo com que despertasse do seu devaneio e colidisse contra a realidade, realidade que o cercava por todas as partes enquanto o passado não mais era do que uma quimera!

Para quê, portanto, se alegrar se os dias do divertimento, do gáudio e da saúde tinham cessado para sempre? Se haviam desaparecido a boa comida, a bebida e o bem-estar? Onde estava o seu porte comparável ao de um dromedário, a gargalhada que, aguda, lhe brotava do peito? O que sucedera aos seus regressos à alvorada, inebriado por alegrias múltiplas? Agora devia voltar para casa às nove da noite para às dez dormir; tinha de comer, beber e caminhar segundo cálculos precisos referidos na agenda do médico. E aquela casa que o tempo havia coberto de tristeza tornara-se para ele o único centro do seu viver.

Quanto à desventurada Aisha, era para ele um espinho no coração; lamentava não poder de modo algum emendar os destroços daquela existência e, por isso, nem conseguia permanecer tranquilo por ela: o amanhã iria talvez achá-la ainda mais solitária, infeliz, sem pai nem mãe? E aquilo que mais o preocupava era o risco de um agravamento da sua saúde, temia mais do que outra coisa qualquer que as forças o atraíssem, obrigando-o a ficar de cama, qual morto, como tinha acontecido a muitos dos seus amigos queridos, quando ainda se sentia cheio de vontade de viver. Pedia, assim, auxílio a Alá por causa destes pensamentos, que, como moscas, vojavam em seu redor. Mas tinha de escutar as antigas cantigas, quanto mais não fosse para adormecer ao som das suas melodias...

— Deixa a telefonia ligada mesmo se eu adormecer!